

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º & entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 127 1 DE JULHO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120		<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p>
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O theatro da Rua dos Condes, GERVASIO LOBATO — Exposição Retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, R. — As nossas gravuras. — Os novos reis da Servia, duas palavras sobre este paiz, J. B. — Exposição districtal de Aveiro, MONTEIRO RAMALHO — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS. — Melhoramentos de Lisboa, Avenida da Liberdade, Praça da Alegria de Baixo, Predios demolidos. — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, Cruz processional da Sé do Funchal, ilha da Madeira. — Os novos carros Rip-

port — Theatro da Rua dos Condes, vista exterior, sala dos espectaculos, corredor dos camarotes — Medalha commemorativa do centenario do marquez de Pombal, mandada cunhar pela commissão academica de Lisboa — Pelourinho de Trancoso — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começo hoje por uma pergunta que decerto lhes vae parecer muito disparatada:

—Fundaram já algum jornal?

Se fundaram, lastimo-os, porque perderam decerto muito tempo, muito dinheiro e muitas

illusões: mas se não fundaram, lastimo-os ainda mais, porque deixaram de escrever nas memorias da sua vida uma das paginas mais pittorescas e mais agradaveis, com que é dado a um simples mortal enriquecer as suas saudades, n'esta rapida viagem por este mundo de Christo ou de quem quer que é.

Eu tenho já no meu passado seis ou sete paginas d'essas, e hoje vou reler, em voz alta, uma d'ellas, leitura que vem a proposito d'uma noticia que tem o seu logar n'esta chronica, e leitura que vae ter para mim o «doce pungir de acerbo espinho.»

Foi em 1872. Eu n'esse tempo andava muito pelos theatros, tinha uns enthusiasmos loucos



MELHORAMENTOS DE LISBOA. — AVENIDA DA LIBERDADE, PRAÇA DA ALEGRIA DE BAIXO, PREDIOS DEMOLIDOS. (Segundo uma photographia de Rocha.)

intransigentes, incondicionaes, que se não tornam a ter mais na vida, e trazia para a discussão das coisas theatraes o mesmo ardor, a mesma insistencia, que os politicos hoje trazem, por exemplo para o syndicato de Salamanca, e muito mais sinceridade e boa fé que a maior parte d'elles.

Os jornaes diários já n'esse tempo se importavam pouco com coisas de theatro, os jornaes litterarios tinham já desaparecido, e a critica das peças e dos artistas andava ao — Deus dará.

— Nada, isto não pôde ser assim, gritava eu uma noite no terraço de D. Maria, conversando com Pedro Vidoeira, um entusiasta de theatro a quem um bom par de annos de vida de bastidores não conseguiu curar ainda d'essa molestia, é necessario que se diga a verdade acerca das peças e do desempenho dos auctores e dos artistas.

— Mas onde dizel-a? ponderava-me o bom do Pedro Vidoeira, n'um jornal não se pôde dizer mal do theatro A, n'outro não se pôde dizer bem do theatro B: n'este não se pôde escrever o nome do actor fulano sem cinco adjectivos, n'aquelle não se pôde juntar um pequenino adjectivo á actriz sicrana...

— Uma coisa, vamos nós fazer um jornal?

— Está dito, vamos lá.

E começámos logo a fazer a largos traços o plano do novo jornal.

Mas um jornal de theatros morria logo á nascença, estava provadissimo, só interessava a meia duzia de pessoas, a seis ou sete sujeitos, que precisamente não assignavam o jornal, porque tinham de ser nossos collaboradores e portanto recebiam o jornal de graça; era necessario interessar o publico na nossa publicação. Qual o modo? Achámol-o n'um momento e não era muito difficil depois de termos visto o *Paris Theatre* que então se publicava em Paris: publicar em cada numero do jornal a photographia de qualquer artista dos mais estimados do publico.

Magnifico! Estava achada a grande idéa. E depois esse retrato publicava-se no dia do beneficio do artista, vendia-se á noite no theatro, toda a gente que lá estava o comprava, a edição esgotava-se logo ali, no dia immediato segunda edição, e depois quem comprava um comprava os seguintes para ter a collecção, e os assignantes, a provincia e o Brazil!

Uma riqueza! Estava provadissimo que o jornal nos faria pelo menos millonarios no fim d'um anno.

Na noite immediata reunidos em casa de Salvador Marques na rua das Portas de Santo António, Salvador, Vidoeira, Sousa Bastos e eu, discutimos as bases do nosso jornal e depois de longos debates sobre o primeiro retrato a inaugurar o jornal, que se devia chamar o *Contemporaneo*, e depois de termos solemnemente nomeado administrador o sr. Augusto de Mello, hoje redactor do *Diario da Manhã*, e então marialva em inactividade temporaria, que o seu amor ao trabalho tornou em permanente, sahimos commissionados a casa do velho e bom Theodorico, a pedir-lhe o seu retrato para o primeiro numero do *Contemporaneo*.

Theodorico nunca tinha tirado o retrato até então, e desejava conservar-se n'esse afastamento original da machina photographica. Novas discussões sobre quem deveria inaugurar o *Contemporaneo*, gritou-se, berrou-se tanto em casa do Salvador, que uma noite chegou a bater á porta... um policia.

Decidiu-se que o primeiro retrato fosse o da Sass, que então cantava em S. Carlos pela primeira vez, e eu fui delegado ao hotel Bragança a convidar Maria Sass para ir *poser* ao atelier do honrado e querido Fillon, que com tão boa vontade, com tanta amizade, e desprendimento de seus interesses, se prestou logo alegremente a ajudar-nos com a sua bella collaboração artistica no nosso empreendimento.

E d'ali em diante todos os dias e todas as noites nos reuniamos em repetidas sessões em casa do Salvador, a ponto de despertar a attenção d'um visinho de bom pensar e sisudo critério que um dia lhe perguntou:

— Diga-me, visinho, o que fazem todos os dias em sua casa aquelles litteratos todos?

— Estamos fazendo um jornal.

— Um jornal! Ah! deve ser excellente? São boas pennas! sim senhor, boas pennas!

De dia eramos boas pennas para a visinhança, á noite jogavamos a manilha a feijão, quando não tinhamos que collar retratos, trabalho, que nós todos faziamos por um principio de economia que dava em resultado perderem-se mais de cem retratos e de cem jornaes em cada numero.

Essas noites eram divertidissimas e cheias de episodios funambulescos.

Uma noite por exemplo, ás 8 1/2 estavamos no começo da nossa partida, o Salvador levanta-se de repente:

— Ó diabo! Tinha-me esquecido!

— O que?

— Não é nada, esperem ahi, vou alli á rua dos Condes ver uma peça do meu compadre, e já venho.

A peça do compadre tinha cinco actos!

Por fim nada ha eterno n'este mundo, nem a manilha; uma noite nós começamo-nos a faltar do feijão e do *Contemporaneo*, e deixámos tudo ao Salvador Marques.

O Salvador fez prosperar o jornal, e quando eu pensava que o *Contemporaneo* creado n'aquelle regimen do feijão estava prestes a dar a alma a Deus, o *Contemporaneo* atravessava aos solavancos mas sempre vivo e são, a *estrada espinhosa da publicidade*, passava das mãos de Salvador Marques para as de João d'Almeida Pinto um homem emprehendedor e d'uma actividade *burnaysiana*, e chegava aos nove annos de existencia.

E' a partida de João d'Almeida Pinto para o Rio de Janeiro, carregado de collecções do *Contemporaneo*, que eu tenho hoje a noticiar aos leitores, e foi a proposito d'essa partida, que eu reli esta pagina das minhas reminiscencias jornalisticas, que me lembra umas noites alegres e bem passadas, em que se faziam castellos no ar com a profunda convicção de que estavamos edificando bellos palacios no futuro.

E no fim de contas não eram tanto castellos no ar como isso. O *Contemporaneo* tem já ha um par de annos photographia sua, e o seu empresario vae a estas horas caminho do Brazil realizar uma continha de contos de réis na venda das collecções.

O Brazil entrava nos nossos planos, e se elle vender lá todos os *Contemporaneos*, o que é facilimo, porque são hoje já uma collecção preciosa de retratos e de biographias das individualidades mais notaveis de Portugal, nas letras e nas artes, e se tiver felicidade, o que deve ser, porque elle é muito intelligente e muito trabalhador, o nosso sonho de milionario da varanda oriental do theatro de D. Maria realisar-se-ha em parte: o *Contemporaneo* enriquecerá o seu dono: a unica differença é que esse dono já não somos nós.

— Terminámos a nossa ultima chronica prometendo uma larga noticia dos festejos com que no dia 9 d'este mez o Porto tenciona comemorar o quinquagesimo anniversario d'esse dia glorioso; vamos cumprir hoje a promessa.

As festas promovidas pela Associação Liberal Portuense que devem ser brilhantes, e a que assistirá a familia real portugueza, são as seguintes:

Parada das forças militares existentes no Porto, passando toda a brigada em continencia pela estatua do imperador na praça de D. Pedro.

Missa campal no Campo de Santo Ovidio, com assistencia de toda a brigada, e dos veteranos da liberdade.

Cortejos das corporações liberaes a depositar corôas commemorativas no sarcophago de D. Pedro IV na Lapa, e no tumulo dos Martyres da Liberdade no cemiterio do Repouso.

Recita de gala n'um dos theatros portuenses com a assistencia da familia real.

Iluminações na praça de D. Pedro e nas principaes ruas da cidade.

No dia 10 passeio fluvial com illuminação e fogos no Douro.

Publicação de uma folha unica commemorativa do grande dia, e collaborada por todos os escriptores do Porto.

Musicas, embandeiramentos, illuminações, e todo o cortejo habitual d'estas festas.

Além das commemorações mencionadas, a commissão executiva dos festejos, presidida pelo sr. Antonio Nicolau d'Almeida e nomeada pela Associação Liberal Portuense, tem mais no seu programma donativos aos veteranos da liberdade e viuvos dos veteranos, e pedido á camara municipal portuense para que a nova avenida da Ponte D. Luiz I se passe a denominar, avenida de Joaquim Antonio de Aguiar, em homenagem á memoria honrada e gloriosa do illustre estadista.

N'esses dias a companhia dos caminhos de ferro estabelece comboios a preços reduzidos e é de esperar que ao Porto afflua muita gente de todo o reino.

Gervasio Lobato.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

I

Quando ha mezes houve em Vienna d'Austria a espantosa catastrophe do theatro do *Boulevard do Ring*, todos os governos dos paizes da Europa, sobresaltados com esse terrivel desastre que

marcou epocha nas grandes catastrophes humanas, voltaram as suas attensões para a policia e para a administração theatral, até então geralmente tão descuradas.

O theatro do *Ring* a arder veiu substituir as barbas do velho proverbio e por toda a parte se começaram a adoptar providencias energicas, extremas, providencias, que se tivessem adoptado e seguido escrupulosamente depois do grande incendio do theatro de Nice, teriam evitado decerto a medonha desgraça de Vienna.

Em França, que é o paiz cujas noticias nós recebemos directamente com mais minuciosidade e precisão, o terror apossou-se do publico todo, e impoz ás auctoridades policiaes uma actividade e um rigor extremos nas medidas a tomar em todos os theatros, de modo a garantir a segurança do publico em caso de incendio.

Os commissarios de policia e os directores do serviço dos incendios, passaram rapida revista a todos os theatros, decretaram logo em seguida as medidas urgentes a tomar e a condemnação dos theatros que não podiam comportar essas medidas ou que mesmo com ellas continuariam a ser um perigo para os espectadores.

Muitos theatros da França foram logo intimados a fechar immediatamente as suas portas, e a maneira como essa intimação foi feita não deixa de ser curiosa.

Como a auctoridade não podia mandar directamente fechar as portas dos theatros, que tinham em regra as suas licenças e a sua auctoriscação para funcionar, fez o seguinte: prohibiu o publico de concorrer aos espectaculos d'esses theatros como medida de segurança publica.

Em Portugal, onde mais afastados de Vienna, o sinistro do *Ring-Theater* nos causou, naturalmente muito menos impressão do que em França o governo entendeu, e entendeu muito bem, dever tambem providenciar no sentido de evitar catastrophes semelhantes, e nomeou uma commissão para examinar os theatros portuguezes sob ponto de vista de segurança publica em caso de sinistro, e de propor as medidas a tomar para garantir sua segurança.

A commissão reuniu-se, procedeu morosamente ao seu exame, e no fim de mezes, mezes durante os quaes tinham tempo de ir pelos ares todos os theatros de Lisboa apresentou o seu relatório ao governo.

N'esse relatório a commissão de Lisboa condemnava totalmente dois theatros, o da rua dos Condes e o do Principe Real.

E quando as suas epochas theatraes acabaram esses dois theatros foram intimados a fechar as portas, para serem demolidos, por utilidade publica.

Felizmente o praso longo que medeia entre o exame da commissão a esses dois theatros, e a intimação para elles fecharem as suas portas passou sem desgraça alguma, comprehendese mesmo a intenção que houve na demora d'essa intimação, o não obrigar uma empreza a quebrar violentamente os contractos feitos com as suas companhias, o que prejudicaria altamente os interesses d'essas companhias e d'essas emprezas, mas apezar d'essa boa intenção e do acaso a ter favorecido, no espirito de toda a gente surge decerto uma pergunta fatal e a que não ha facil replica.

Uma commissão de peritos examina um theatro e condemna-o por ser um perigo para o publico: condemna-o a demolição, porque entende que o perigo que elle oferece é tão grande é tão irremediavel, que a unica maneira de o evitar é acabar com o theatro. Desde esse momento, desde que um theatro põe tão eminentemente em risco a vida dos espectadores que o frequentam, a primeira cousa a fazer, é mandal-o fechar immediatamente; se o perigo existe na realidade, tão grande, tão terrivel não pode haver rasão d'especie alguma que leve a authoridade a expôr a elle uma noite só que seja o publico. Não se comprehende que dada a existencia n'um perigo d'essa ordem para a segurança publica, se diga, d'aqui a dois mezes fecha-se esse theatro porque é perigoso, até lá vae á sorte, a providencia que vele pelo publico, d'aqui a dois mezes nós velaremos.

O prazo passou e a providencia fez muito bem os seus deveres policiaes: mas se não fizesse? se na rua dos Condes ou no Principe Real houvesse uma d'essas enormes desgraças como houve em Nice e em Vienna, desgraças cuja possibilidade, cuja probabilidade é tão admittida pela commissão que os condemnou, e pela authority que os mandou agora demolir, de quem era essa tremenda responsabilidade.

Folgamos immenso em não ter hoje que exigir aqui essas responsabilidades, mas citamos o facto simplesmente para notar a leviandade bonacheirona e não criminosa com que em Portugal se

anda em todas as cousas, até mesmo nas mais sérias, nas mais graves como esta é.

Finalmente as indicações da comissão que examinou os theatros de Lisboa vão ser cumpridas. Não vimos o relatório e não sabemos por miudos quaes as medidas, que a comissão propõe como indispensaveis nos theatros que não foram em absoluto condemnados, sabemos porém que uma d'essas medidas vae pôr n'uma situação comica e embaraçosa a empresa da Trindade.

As portas do edificio da Trindade abrem para dentro. Quando o theatro se construiu, a empresa proprietaria do theatro queria que ellas abrissem para fóra, mas a camara não lh'o consentiu, porque pejavam a rua: agora a comissão não consente que ellas abram para dentro, porque obstem á sahida em caso de sinistro, e aqui está o sr. Francisco Palha mettido entre portas, sem as poder abrir para dentro por causa da comissão, sem as poder abrir para fóra por causa da camara municipal e entretanto, *il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée.*

Das medidas propostas pela comissão, sabidas já, são a da condemnação absoluta dos theatros da Rua dos Condes e do Principe Real, condemnação que applaudimos e achamos justissima.

A demolição dos dois theatros vae começar em breve, dizendo-se que o theatro do Principe Real será reconstruido segundo o risco imposto pelas obras publicas, e sob as vistas d'um fiscal do governo.

O theatro da rua dos Condes, o mais antigo hoje dos theatros de Lisboa, parece que não será reconstruido, e que a sua demolição se aproveitará para transformar aquella rua n'um pequeno largo.

O OCCIDENTE dá hoje em gravura a fachada d'aquelle velho barracão onde se creou a litteratura e arte dramatica contemporanea, a sala de espectaculos com os seus camarotes que parecem casinholas de pombos e onde durante mais de meio seculo se pavoneou a primeira sociedade de Lisboa, e o palco onde deram os primeiros passos os maiores artistas que tem tido Portugal.

No proximo numero, tentaremos esboçar a largos traços a historia do theatro da rua dos Condes, historia que prende intimamente com a historia litteraria e artistica do nosso seculo.

(Continua). Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA
DE
ARTE ORNAMENTAL
EM LISBOA
XXV

CRUZ PROFFSSIONAL DA SÉ DO FUNCHAL.

Era esta uma das maravilhas da exposição, achava-se dentro de uma vidraça especial na sala M em correspondencia á cruz da collegiada de Guimarães, e tinha o n.º 229.

Comquanto ella tenha de altura 1,19, portanto perca muito na redução, a nossa gravura, porém, deixa bem conhecer, aquelles que não poderam vel-a, a belleza da sua estrutura e a perfeição do seu trabalho.

É de prata dourada, cercada toda de um filigranado ou rendilhado do mais elegante trabalho. Os braços da Cruz, terminados cada um por um retabulo fechado por tres semi-circulos no superior e por quatro nos outros tres, apresentam em relevo Jesus Christo no horto, o beijo de Judas, a flagellação e o *Ecce-Homo*. No alto, fechando inferiormente o retabulo superior, está a fita da inscripção. A figura do Christo, em alto relevo, está encostada a um ornato elegante de folhas de carvalho, que termina lateral e inferiormente junto ás mãos e aos pés, e superiormente vae até á inscripção, formando ahi como que dois vcluteados.

Na face posterior, que se não vê na gravura está a imagem de Christo em pé sustentando na mão um globo sobrepujado pela cruz. Quatro retabulos, nos extremos da cruz, em correspondencia aos da face anterior, existem na posterior represcutando os quatro evangelistas. No remate inferior, antes do nó acham-se as armas reaes de Portugal ladeadas e sustentadas por dois anjos. Todo o moldurado da haste é orlado interiormente por um cordão, que tambem cerca superior e inferiormente as armas, e ella assenta sobre uma base hexagonal, tambem ornada na aresta exterior de um cordão.

Inferior a tudo ha o pé da cruz que serve para encaixar em haste de madeira. Entre este e a base ergue-se o bellissimo nó. Do pé surgem umas ramadas de carvalho que parecem sustentar o nó. Este levanta-se em forma de templo

gothico em tres andares, profusamente ornamentado, cercado de corucheos, arco-botantes ou botaréos, todos ornados de estatuetas cobertas por baldaquins do mais esquisito e gracioso lavor.

Ao centro de cada face e de cada andar do nó ha uma especie de porta ou janella toda floreada, e cada uma diminuindo de altura, da inferior para a superior. Todo este corpo ou nó é rematado superiormente, de ambas as faces, posterior e anterior, pelas armas reaes de Portugal sustentadas por dois anjos, como as outras de que já fallamos, e, nas duas faces que ladeam as armas, resaltam em alto relevo as espheras armillares, conhecendo-se que faltam as da face posterior.

Este portentoso artefacto acha-se um tanto damnificado, por mutilações provenientes do tempo, e seria de grande utilidade fazel-a restaurar convenientemente, o que não nos parece difficil.

A cruz é evidentemente do principio do seculo xvi e deve ter sido dada por D. Manoel, como bem denotam as armas e espheras quando em 1514 fez crear o bispado do Funchal.

O esculpado das figuras e uma certa suavidade nas formas da cruz, fazem-nos crer, que se o artefacto não veio de fora e foi lavrado no paiz, devem ter trabalhado n'elle artistas estrangeiros da vasta pleiade d'elles que se achava estabelecida aqui, atraídos das suas riquezas, e que até tinham muitas questões com os naciaes.

É em todo o caso uma peça digna de todo o apreço e uma das maravilhas da exposição.

(Continua)

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

AVENIDA DA LIBERDADE

Já em os nossos n.ºs 99 do 4.º volume, e 119 do presente dissemos algumas palavras com relação a este grande melhoramento de Lisboa, projectado ha annos, encetado e proseguido com notavel afan pela vereação actual e pela sua antecessora.

A camara municipal foi contratando e demolindo os predios entre a calçada do Salitre e a praça d'Alegria, pouco a pouco, com mais ou menos difficuldade; entre esses predios apenas havia dois ou tres mais importantes. A expropriação e demolição mais consideravel e dispendiosa era a dos predios que se levantavam em frente da entrada norte do Passeio Publico (ou do Rocio), no pequeno largo chamado antigamente praça do Verde ou da Erva e hoje praça da Alegria de Baixo.

Esses predios, como a nossa gravura deixa bem ver, não eram construcções insignificantes; se os tres primeiros a contar do canto, apesar de importantes, conservavam ainda o aspecto da antiga estrutura, os restantes já estavam todos affeccionados á moderna e um d'elles tinha larga frontaria e grande profundidade.

Felizmente a camara não teve a lutar com grandes embaraços e os proprietarios todos vieram pouco mais ou menos no preço da avaliação, importando a expropriação de todos elles em cento e vinte e dois contos de réis.

OS NOVOS CARROS RIPPERT

Desde maio ultimo que se introduziu em Lisboa mais um melhoramento importante, com o estabelecimento dos carros Rippert fazendo carreiras dentro da cidade.

A construcção especial d'estes carros muito leve e solida, permite-lhe o transportarem um maior numero de passageiros, apenas tirados por tres muarees e sem precisão de rails, o que tudo importa uma grande economia de despeza e portanto o poderem transportar barato.

A companhia que se constituiu para esta exploração é fundada pelos srs. conde de Magalhães, Antonio de Moura Borges, visconde d'Assurujinha, Jayme Eduardo de Carvalho da Silva, Alfredo Mendes da Silva, visconde da Gama, Wenceslau Nunes dos Reys, Antonio Maria dos Santos Viegas, Antonio Joaquim da Silva Ribeiro e André Alexandre Monteaud.

A primeira emissão de acções de valor de 120:000\$000 réis, foi tomada, metade pelos fundadores da companhia acima mencionados, e a outra metade foi rapidamente coberta pela subscripção publica.

Dentro em dois mezes deverão circular em Lisboa e seus arredores, cincoenta carros d'este systema.

MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO MARQUEZ DE POMBAL

A medalha que reproduzimos, de tamanho natural, em gravura a pag. 152, foi mandada cunhavela comissão academica de Lisboa, para comemorar o centenario do Marquez de Pombal.

É autor d'esta medalha o sr. Maia, gravador muito apreciado, e se n'este trabalho não pode mostrar todos os recursos do seu cinsel, pela precipitação com que teve de proceder á execução d'elle, muitas outras obras ha d'este artista que attestam o seu merito.

PELOURINHO DE TRANCOSO

Trancoso é uma villa, séde de concelho e cabeça de duas freguezias, contendo 623 fogos, assente em uma notavel eminencia, degradação do contraforte que fórma o monte da Guarda, e situada 26 kilometros a N. E. d'esta cidade, abrindo-se entre as duas povoações um profundissimo valle percorrido pelo rio Mondego, ao descrever a curva caracteristica do começo do seu curso. Desenvolve-se Trancoso no sentido E. O., e está perfeitamente circumscripção por um cinto de muralhas, que parecem de origem mourisca com melhoramentos coevos do começo da monarchia. Contam ellas quatro portas, a saber: porta d'El-rei, do Prado, de S. João e do Carvalho; uma a N. O. dando serventia para a estrada a macadam que segue a Moimenta da Beira e Lamego, outra ao S. abrindo para a estrada macadam de Celorico, outra a S. E. communicando com a estrada para Marialva e Villa Nova de Foscôa, e ainda outra ao N. Ha tambem abertos na muralha mais tres postigos, que dão para os campos. Das portas, é cada uma flanqueada por duas torres quadrangulares ameçadas.

Tem boas edificações de granito a villa que nos occupa, e é bastante rica, não tanto dos recursos proprios, pois a rodeiam terrenos magros e pedregosos apenas aptos para produção da castanha e de algum vinho, milho e feijão; mas principalmente por servir de intermediaria á communicação do districto da Guarda com o de Vizeu, e com o paiz vinhateiro. O cume em que ella assenta desce em rapido declive logo fóra das muralhas, na extensão de N. a S. por E.; por O. porém, estende-se fóra do recinto murado um campo ou esplanada, onde ha todos os annos uma feira de tres dias, começando em 24 d'agosto.

Quasi no extremo O. da povoação ergue-se em sitio elevado o castello, com restos da sua antiga torre de menagem, flanqueada por mais cinco torres, todas quadrangulares. Pelo lado strategico a situação da eminencia de Trancoso é formidavel, tornando-a quasi inexpugnavel a sua propria feição orographica; domina todas as eminencias circunjacentes, e abaixo da Guarda, não ha por toda aquella extensão do paiz, até á fronteira, nenhuma que se lhe avanteje em predicações capazes de fazerem d'ella uma excellente posição militar. Isto justifica o particular cuidado que seus antigos dominadores puzeram sempre em lhe assegurar uma boa defenza, ao passo que aconselha os contemporaneos a terem toda a attenção na boa organização defensiva d'ella, quando a serio curarem da fortificação da Beira.

Fora dos muros da villa vé-se uma ermida, da invocação de S. Bartholomeu, hoje reedificada, que parece haver sido erecta em memoria do casamento celebrado em 1282 entre D. Diniz e a rainha S. Isabel; e em meio da sua praça principal ergue-se um elegante pelourinho gothico, da côr uniformemente escura do granito roçado de muitos seculos, que pelo estylo e lavor dos seus oito columnellos, bem como da esphera que lhe encima a cupula, parece ser obra executada em tempos de D. João I.

Foi fundada Trancoso por Tarracón, rei da Ethiopia e do Egypto, quando aportou em Hespanha aos 730 an. A. C. Floresceu opulenta pelos annos do Senhor de 930; dominaram-a depois os arabes; e em 1038 conquistou-a el-rei D. Fernando, o Magno, de Castella, mandando-a povoar de novo. Mais tarde, em 1131, veio sobre ella Albucazan, rei de Badajoz, o qual lhe poz apertado cerco, que defenderam com grande valor seus moradores, até chegar D. Affonso Henriques com numerosa gente de guerra, a soccorrel-os, alcançando dos inimigos gloriosa victoria e muitos despojos. Accommittida de novo pelos arabes em 1155, então a entraram e destruíram de todo; porém Affonso Henriques logo a restaurou e lhe deu foral, que D. Affonso II confirmou em 1217.

et. et.

OS NOVOS REIS DA SERVIA

DUAS PALAVRAS SOBRE ESTE PAIZ

(Conclusão)

Em 1827 não tendo o tratado de Ackerman resolvido nada a respeito da attitude de meia

Desde então Milosch dedicou-se ao bem da sua patria, mas a paz não lhe foi favoravel. A sua auctoridade começou a pesar sobre alguns servios e algumas conspirações se tramaram, nomeadamente uma em 1834 que abortou, Milosch em seguida, a 15 de fevereiro de 1835, promulgou uma constituição fundada sobre a franceza de 1830.

Este retirou para Selim depois de uma insurreição, abdicando a 12 de junho de 1839 em seu filho mais velho Milan.

Algum tempo depois outra insurreição derribou Milan, e aclamou seu irmão segundo Miguel, que passados alguns annos foi deposto por uma revolução que levou ao poder Karajorge-

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL, EM LISBOA



CRUZ PROCESSIONAL DA SÉ DO FUNCHAL — ILHA DA MADEIRA (Segundo uma photographia de Camacho)

independencia da Servia, na dieta reunida em Kraguzewatz, Milosch depois de um pequeno discurso que lhe dirigiu, foi declarado principe da Servia, por um acto de obediencia dos servios, a elle e a seus descendentes. Este acto foi enviado á Porta que o ratificou por um hatti-cherif de 22 de novembro de 1830.

Comtudo os descontentes continuaram a maquinaar, e a Porta julgou pôr um termo aos disturbios por um hatti-cherif de 24 de dezembro de 1838, composto de 66 artigos, pelo qual a auctoridade do *kiar* (principe) era contrabalancada por um senado composto todo de inimigos de Milosch.

wich, o filho do grande Kara-jorge, cuja familia tinha pela primeira constituição sido excluida para sempre do governo.

A Servia conservou-se estacionaria sob a administração de Karajorgewich, havendo apenas no seu tempo o tratado de Paris em 1856, pelo qual foi supprimido o protectorado da Russia, e

substituído pelo protectorado colectivo das potencias signatarias, e que estipulou a neutralidade do principado.

Dois annos depois uma revolução derrubou Karajorgewich, chamando de novo ao poder o velho Milosch. Este fez-se então proclamar solemneamente com o nome de Milosch Obrenovich I, foi renovado o reconhecimento da successão na sua familia. Entre muitas providencias civilisadoras estabeleceu a liberdade de industria e a do commercio. Começou a entabular negociações com os montegrinos para declarar guerra á Turquia, mas a morte atalhou os seus projectos, em 1860 quando este velho grande homem contava oitenta annos de idade, pois havia nascido em 1780. Estes dois homens Kara-Jorge e Milosch, são duas figuras epicas, cheias das grandes qualidades e de alguns defeitos das raças virgens. Succedeu-lhe seu filho Miguel, que já havia governado o paiz de 1839 a 1842. Sob a sua esclarecida administração a situação interior foi melhorando sensivelmente. Por meio de uma habil politica conseguiu, que a Turquia fosse evacuando pouco a pouco as praças de guerra, onde ainda conservava guarnições, ficando em 1867 finalmente a Servia sem um soldado



NOVOS CARROS RIPPERT



THEATRO DA RUA DOS CONDES — CONDEMNADO A SER DEMOLIDO — VISTA EXTERIOR — SALA DOS ESPECTACULOS — CORREDOR DOS CAMAROTES
(Desenho do natural por Macedo e Christino)

musulmano no seu territorio. Apesar de toda a prosperidade que a sua habil administração derramou no paiz, a mão de um assassino extinguiu esta bella vida, depois de oito annos de governo a 10 de junho de 1868.

Foi chamado a substituí-lo seu primo Milan, neto de outro Milan, irmão de Milosch, que o grande Kara-Jorge mandara executar por conspirar contra elle. O principe nascera a 18 de setembro de 1854 e quando tinha 10 annos fora mandado para Paris educar. Havia apenas quatro annos que allí estava entregue á direcção do sabio Huet, quando a morte do primo o fez voltar á patria. Foi proclamado e estabeleceu-se uma regencia durante a sua menoridade, composta de tres respeitaveis cidadãos, Blasnavatz, Ristich e Gavrilovitch. Os regentes promulgaram a 11 de julho uma nova constituição.

Quando Milan chegou á maioridade tomou as redeas do governo, 22 de agosto de 1872.

Sob a regencia e depois sob a sua administração a Servia continuou no caminho encetado, tendo havido algumas questões com a Turquia por causa de delimitação de fronteiras, agitação que se excitou um pouco pela insurreição da Herzegovina em 1876. No entanto o Kiazá foi á Crimeia fazer uma visita ao Czar, depois ao Imperador de Austria que o trataram como a uma testa coroada, o que desagradou muito á Turquia.

Em 1876, ou por impulso proprio, ou por sugestões russas, a Servia começou a manifestar disposições ameaçadoras contra a Turquia. Os governos da Europa fizeram-lhe advertencias, a que o governo respondeu com escusas. Finalmente, depois de uma serie de armamentos e de algumas reclamações feitas á Turquia, a 27 de junho apresentava-lhe a Servia o seu ultimatum, reclamando a annexação da Bosnia e Herzegovina. Impericia dos generaes, ou falta de bom plano, ou inoportunidade do momento, a Servia foi quasi sempre batida e nunca esteve tão perto de perder a sua autonomia; comtudo a Turquia, no tratado final houve-se com ella generosamente.

Em seguida sobreveio a guerra da Rumania e Russia com a Turquia. A Russia instava com a Servia para entrar na lucta; esta desculpava-se com a desorganisação proveniente dos desastres anteriores e falta de meios: a Russia accudiu com elles, mas só depois da tomada de Plevna a Servia declarou a guerra á Turquia, sob pretexto de invasões de territorio e ainda entrou em alguns combates, tomando uma ou duas praças. Em consequencia d'isso pelo tratado de San Stefano de 3 de março de 1878 e depois pelo de Berlim de 13 de junho do mesmo anno obteve um augmento de territorio.

Depois d'isso tem-se o principe occupado da consolidação do territorio e do melhoramento das instituições.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Conclusão)

A mulher acudiu pelo marido vendo o espanto do cangalheiro.

— Não faça caso, explicou ella, mettu-se agora alivre pensador, e declarou guerra aos padres e á igreja, está um impio, nada quer com Deus, e falla com o diabo á meia noite.

O cangalheiro tomou o caso á boa parte, e foi-se rindo da chalaça.

Mas a coisa era séria!

— Que demonio foste dizer mulher, um homem que é o meu braço direito nas eleições, que é o todo do regedor!

— Fui dourar a pilula.

— Qual pilula?

— A que nós engulimos com o logro da herança.

Antonio Dourado caiu em si maravilhado da penetração da mulher.

— Abençoadas moedas que a tua cabeça me custou, estás agora melhor do que nunca, não te concertaram só o caso, tambem te concertaram as idéas.

Mas por mais esforços que Antonio Dourado fizesse por conformar-se com o enorme calote que a D. Monica lhe pregou, nada podia consolal-o.

Não havia distracção que prestasse para elle. Tudo conspirava contra a sua existencia, andava taciturno, de cabeça baixa e braços estendidos.

Já não grimpava, nem mettia as mãos nas algebras para tilintar com as libras e as meias crôas.

Apesar do golpe que soffreu com a annexação da Bosnia á Austria-Hungria, ficando apagados os projectos d'um grande reino Servio, afastando-se um pouco da Russia e approximando-se da Austria a 6 de maio ultimo a Assembléa de Belgrado proclamou rei, o seu principe Milan, proclamação que foi logo reconhecida pela Austria e a 11 prestaram juramento de fidelidade os ministros. Foi reconhecido por todas as mais nações e ainda ha cerca de um mez um embaixador do novo rei veio agradecer ao nosso monarcha o seu reconhecimento, e estabelecer as relações de cordialidade.

Os servios são em geral de bella estatura, simples de maneiras e de viver, com algumas das boas qualidades que distinguem os povos orientaes. A bravura, a generosidade e a lealdade são as suas principaes virtudes. As mulheres são em geral bem feitas, fortes e robustas, trajando pittorescamente, fazendo lembrar as de alguns cantões da Suissa, com as quaes aliás se assimelham em costumes.

A honestidade fórma uma das feições do character d'este povo: Kara-Jorge mandou enforçar seu proprio irmão por ter attentado contra o pudor de uma donzella.

A população da Servia em 31 de dezembro de 1880 era de 1:700211 habitantes, sendo a superficie do seu territorio 48:657 kil.²— É sua capital Belgrado sobre o Danubio com 26:970 habitantes. A sua principal exportação consiste em cereaes, gados, porcos e pelles de carneiro e cabra. É um dos paizes que tem as forças territoriaes mais bem organisadas. Os homens são obrigados a servir dos 20 aos 50 annos. O exercito permanente consta de 50:000 homens; a primeira milicia de 125:000 homens e a 2.^a de 90:000 homens. Em caso de guerra pode apresentar em armas 265:000 homens.

S. M. o rei Milan casou a 17 de outubro de 1875 com S. M. a rainha Natalia, filha do coronel russo De Keschko e de sua mulher, uma princeza da casa Sturdza. A rainha, que nasceu a 14 de maio de 1859, é, como todas as damas da alta aristocracia do norte, uma senhora de esmerada educação, de espirito finissimo, e além d'isso dotada de uma belleza rara.

É herdeiro do throno o principe Alexandre que nasceu a 14 de agosto de 1876.

J. B.

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL D'AVEIRO

III

Um entablamento quadrado occupa o centro da outra sala grande, e sobre elle estendem-se por todos os lados os productos diversos da

Elle tinha a consciencia de haver levado um terrivel piparote de polichinelo no seu amor proprio e no seu orgulho.

Até a politica o aborrecia.

Não era já o mesmo homem!

Como o cangalheiro tivesse ido repetir pelo bairro as palavras da mulher de Antonio Dourado, um dos visinhos disse-lhe em ar de graça, vendo-o passar uma vez junto da porta a contar as pedras da calçada:

— Vae pensando na republica, ó sr. Antonio?

Enfiou!

— Eu penso na minha vida e já não é pouco.

D'alli a dias o regedor todo azafamado entrou-lhe pela loja dentro a perguntar:

— Está cá o sr. Antonio?

— Está lá dentro a verificar umas taras.

O regedor enfiou pelo balcão e foi ter com elle ao fim do armazem, aonde Antonio Dourado estava entre as barricas do assucar e as sacas do feijão, do café e do arroz, a labutar na sua vida.

O regedor não se preocupou com nenhum dos formalismos de comprimento entre amigos velhos.

Atirou-lhe logo á queima roupa com estas phrases estranhas.

— Vista a casaca, ponha-se decente e vá receber-me á sala, que lhe trago aqui da parte d'El-Rei alguma coisa que lhe diz respeito.

O merceiro apurou-se todo.

— Temos perseguição politica, pensou de si para si.

E assustado, para o regedor, perguntou:

industria districtal, na sua apparencia geral fria e prosaica, lembrando-nos rudemente as necessidades furiosas da vida, com muitas luctas e poucos resplendores, delectaveis e cegantes. Levanta-se no meio, junto d'um enorme tronco de cêra amarelenta, um cabide ramificado em braços desencontrados, em que descansam os chapéus pretos de Azemeis, alguns d'abas reviradas e forradas de velludo com largas fitas pendentes, muito usados pelas lavradeiras appetitosas dos arrabaldes do Porto, e outros d'aquelles grandes e grosseiros, com borla a um lado, que todo o bom alemtejano, robusto e sadio, se preza de usar, brejeiramente inclinado sobre uma orelha. Aqui, veem-se os productos curiosos da sericultura; ao pé logo, varias amostras de sal, vermelho, em pedra, e o purissimo espuma; mais para lá, grossas peças de louça d'Aveiro, de barro ordinario tocado de sujas tintas esverdeadas; e a seguir, uma collecção interessante da louça d'Ovar, vermelha e preta, com algumas peças d'uma elegancia perfeita. Todo um lado é occupado por amostras de casimiras, cheviotes e chales expostos pela fabrica de Coimbra, denotando progressos muito rasoaveis; depois, confusamente, são os papeis grossos, brancos e d'embrulho, da Raiva e da Feira; os materiaes de construcção, d'Aveiro, cimentos e nacos de pedra correctamente talhados; as singelas pedras e lousas da Raiva; os minerios do Palhal e Braçal, ferro e chumo, vidro, gallena miuda e calcinada; o manganez de Canellas; e finalmente, o minerio de ferro e carvão de pedra das minas da Mealhada.

Em prateleiras que sóbem encostadas a uma parede, estão os productos da fabrica de vidros do Covo. É por todas ellas uma misturada sympathica de candeeiros altos, copos de feitos varios, garrafas esguias e bojudas, cupoteiras, bacias, pratos e fructeiras, brancos, azues, amarellos e verdes, côres uniformes em cada objecto e pouco intensas. Alguns dos productos são já notaveis e distinctos.

Ao fundo da sala ergue-se pezadamente um throno monumental, com as successivas escadarias todas cobertas de objectos variadissimos da fabrica da Vista Alegre, porcelanas esmaltadas brancas com filetes dourados e de côres diferentes, vidros lapidados só feitos antigamente, serviços completos de porcelanas finas, transparentes, com pinturas feitas á mão, algumas lithographadas, e poucas estampadas; imagens religiosas coloridas, — lamentaveis; imitações mal succedidas de louças do Japão; e serviços preciosos para chá, de bella porcelana pintada de azul e ouro e d'uma côr de rosa esbatida e suave, d'uma distincção e apuro verdadeiramente admiraveis. Ha tambem algumas pequenas imitações de terra cotta, pouco felizes. Modestamente met-

— Mas então que temos? Ha alguma novidade?

— E grande novidade, respondeu o regedor, d'esta vez é que você apanha uma que não esperava.

Aqui fez-se de cidra Antonio Dourado.

Então o regedor disse-lhe entre risonho e serio:

— Não se me faça fino, vá.

Antonio Dourado media-o de alto a baixo.

— Mas em que me faço eu fino, faz favor de me dizer?

E pediu-lhe que não desse ouvidos a intrigas.

— Não me esteja a fugir ao assumpto: vocecê agora apanhou uma boa maquia com a herança de D. Monica.

O merceiro ainda fez um movimento, mas retrahiu-se. A sua vontade era ferrar-lhe dois murros.

— Afinal a coisa resume-se a gastar alguns cobres. Que diabo é isso para você? E agora já não tem remedio. É aguentar-se e ter paciencia, senão começam para ahi a dizer que você é um renegado, um communista, um frascario capaz de assar de vez, n'um só espeto, a humanidade inteira.

Antonio Dourado formalizou-se:

— Oh! mas isso é uma calumnia, posso affiançar-lhe que é uma calumnia!

— Bem sei, bem sei.

— Pois se sabe para que o não diz a toda a gente e ao contrario ainda em cima me vem metter em trabalhos?!

— Qual trabalhos? voltou-lhe o regedor. Olhe a grande coisa. Eu já arranjei tudo, arranjei-lhe a caminha muito bem feita.

tida no seu canto da Vista Alegre, esta fabrica vae comtudo fugindo sensatamente das rotinas marasmaticas, seguindo uma marcha progressiva, que é pena mostrar-se em parte bastante lenta; a sua officina de pintura está muito atrazada, trabalhando n'ella uns operarios que nada sabem de desenho; e os modelos escolhidos e usados são em geral d'um gosto absolutamente contestavel. Comtudo, esta sua exposição especial é soberba, e tem um aspecto extremamente agradável, pela enorme variedade d'objectos e côres.

Noto agora o exotico contraste que produzem n'esta sala, cujo ambiente está penetrado d'um forte espirito de vida nova, algumas grandes vitrines, em que ricamente se ostentam esplendidas colchas gritando n'um concerto maravilhoso de côres sonóras, alem d'uma toda cheia de paramentos religiosos, e em que brilha ridentemente uma bella capa d'asperges branca, bordada a ouro e matiz n'uma infinidade seductora de flores e ramarias enredadas, por onde pousam pas-saradas inquietas e extravagantes; ao pé d'ella pende outra capa d'asperges rôxa com miudinhos bordados a ouro já um tanto gastos, capa anti-quissima, e em que estão bordadas também umas figuras magnificas, todas abertas em expressões risonhas d'uma serenidade mystica e tocante. Na mesma vitrine, outras capas e uma dalmatica de velludo vermelho com bordaduras douradas.

D'entre as grandes colchas destacam vigorosamente uma amarella, toda tecida de ouro com ramagens; outra de seda azul claro pintada á mão com uma paciencia incrível, que se desen-tranhou profusamente em luminosas florescências; outra d'algodão azul bordada a seda e ouro; outra de setim azul, da India, bordada a matiz em complicações luxuriantes de silvas phantastias; outra ainda de setim amarello, indiana, bordada a matiz; outras de linho bordadas a seda frouxa; outras de seda branca e azul bordadas a troçal vermelho e amarello; e outra, emfim, oriental, de seda azul com deliciosas flôres e ramos bordados a matiz.

Ha por cima d'estas vitrines varios frontaes ricos d'ornamentos dourados, ou esculpidos em interessantes figurinhas toscas; e sobre uma d'ellas está igualmente um bello tapete persa, velho mas opulento de côres brilhantes, na sua garridice perenne.

N'esta sala ha mais alguns costumes Luiz XVI, d'ambos os sexos; ao alto d'uma parede, pendem um relógio e tres molduras de talha; no chão, naturalmente, mais duas cadeiras de couro estampado e miudamente cravadas de pregos amarellos; e n'ella se encontram ainda alguns azulejos do seculo XVI, singelos e preciosos.

Segue-se á direita um pequeno gabinete quasi inteiramente occupado por uma cama antiga,

Aquelle patife queria por força dar cabo d'elle.

— Ó homem, que cama me foi você fazer?

Então o regedor, mudando de tom e tornando-se solemne, disse:

— Tenho a consciencia, sr. Antonio Dourado, de que nada mais fiz do que o meu dever.

— Pois fel-a aceiada, pois arranjou-me bem.

— Tenha paciencia.

— Obrigado, muito agradecido...

E a sua voz denunciava pela tremura uma grande commoção.

Lá consigo dizia:

— Caloteado á sombra de uma herança que nunca vi, e mettido na cadeia por causa de uma politica que nunca professei.

E voltando-se para o regedor, disse:

— Estou ao seu dispôr. Queira cumprir as ordens de sua magestade, reservo-me porém o direito de mais tarde me justificar, porque eu não posso aceitar...

O regedor foi-lhe logo com as mãos á bocca.

— Não, isso ha de aceitar, ha de aceitar porque é um acto de justiça, e é para já, aqui mesmo no armazem, sem outras formalidades. Acto continuo, sacou da algibeira um enorme calrapacio de pergaminho.

O merceiro estava como se o houvessem magnetisado.

N'isto e no momento em que esperava ouvir, segundo a formula official, a ordem de prisão, viu que o regedor lhe pregava na cella do casaco uma coisa qualquer, e ouviu que era a ordem de Christo!

Então o regedor, alterando a voz e gesticulando com solemnia, disse:

com fundo de couro lavrado e simples armação de pau preto. Nas paredes, ao fundo, desdobra-se tristemente um largo panno d'Arraz, sujo e velho, grosseiro, o qual me dizem ter andado até hoje pelas eiras, resignadamente, a cobrir milhos alegres e dourados; d'um lado, estão penduradas algumas molduras de talha, diferentes em tamanhos e ornatos revolteados; e d'outro lado vê-se um quadro, nada interessante, cheio d'assignaturas autographos de gente conhecida — e desconhecida. Ha também aqui uma boa collecção abundante de livros velhos e ráros.

É, finalmente, no gabinete da esquerda, o ultimo passo d'esta Exposição interessantissima de que me despeço pezaroso e receioso de a ter maltratado em demasia, que está uma das suas curiosidades mais apregoadas: o celebre montante de Martim Lopes de Azevedo, armado cavalleiro em Aljubarrota; — um montante interminavel, sombrio, tragico e sobranceiro, em cima do qual se empoleira orgulhosamente o pequeno capacete do cavalleiro famoso.

Tambem, que diabo! a questão toda estava afinal em se possuir um pulso bem rijo, que ferrenhamente empunhasse o montante tenebroso; porque com um traste d'aquelles, forçosamente se devia dar cabo, n'um abrir e fechar d'olhos, de todo um immenso exercicio heroico e inventivel. Por S. Jorge!

Monteiro Ramalho.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ALJOFARES, poema de Maria, a escrava, divagações, por Ariosto Machado — Porto, typographia de Antonio José da Silva, 30. Passeio das Virtudes, 1882. — 8.º de 47 paginas. — Este folhetinho vem precedido de dois nomes que nos dispõem logo a seu favor fazendo-nos esperar prodígios; o do auctor e o do editor; o primeiro, do poeta de mais esplendida phantasia que talvez tenha havido, o segundo de outro poeta de menos elevada estatura, mas que deixou na nossa historia litteraria um traço mais verdadeiramente notado pelas suas desditas, que pelas suas obras. Era difficil pois apagar do nosso espirito esta recordação. Ainda assim estes aljofares, nem são pedras falsas que façam reunir os joalheiros e ourives para pedirem providencias ao governo contra o falsificador, nem são dos mais perfeitos e ricos. É um vezeiro que appareceu, e que promete, sendo bem pesquisado e trabalhado dar-nos productos de mais subidos

— Em nome d'el-rei tenho a honra de condecorar o merito e o trabalho: faço-te cavalleiro de Christo, ó Antonio.

E não contente com esta bomba que esturgiu aos ouvidos de Antonio Dourado de uma maneira que o ensurdeceu por momentos, o regedor acerescentou com uma grande consciencia da verdade dos factos:

— Faço-te cavalleiro, repito, porque afinal o rei não metteu para ahí mais do que essa garatuja da assignatura, e eu dei muitas passadas, olha que dei muitas passadas, Antonio, e não é para que mas agradeças, mas para que não me deixes ficar mal e pagues ao menos os direitos de mercê.

E d'este modo ganhou Antonio Dourado um habito, sem o merecer, pois se era para galardoar o merito de haver empolgado a herança de D. Monica, cabia essa venera, de direito, ao 73 da primeira, que afinal de contas fôra quem aconselhára Joanna e a dirigira no seu proposito de apanhar as inscrições á ama, e deixar ao merceiro o testamento para embulhar quartas de assucar.

Esse é que afinal ganhara no joguinho. Deu logo baixa das barbas e do serviço.

A Joanna, que era uma boa rapariga, honesta e temente a Deus, recebeu-o á face da egreja e teve o descoco de ir pedir ao conego Salgado para os casar.

O padre a principio ficou amado, mas ao depois, porque lhe dissessem que se pagava o que fosse, accedeu emfim, por duas razões; para não perder tudo e pelo ferro que d'elles havia de ter o merceiro.

Depois, como a Joanna morasse n'aquelle

quilates. Que o auctor profunde a mina é o que desejamos.

ERREURS COURANTES SUR LA VACCINE. — Lettre au Dr. W. B. Carpenter par P. A. Tayllor, membre du Parlement — traduit de la 2.ºme édition anglaise tirée à 200:000 exemplaires. — London: William Young 114, Victoria street, Westminster, S. W. and E. W. Allen, 4, Ave Maria Lane, E. C. 1882 — de 40 paginas. Agora que a epidemia da variola (bexigas) tem andado tão ateadada em Portugal, e nomeadamente em Lisboa, onde, até um dos nossos principaes homens de letras, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, se acha atacado d'ella, inspirando cuidado aos seus respeitadores, não deixa de vir a proposito a publicação e vulgarisação de qualquer trabalho ou estudo relativo a este flagello. Quando o doutor Jenner descobriu que a inoculação, no corpo humano de uma certa materia extrahida da vacca, preservava, os que haviam tido esse tratamento, dos ataques da variola, todo o mundo applaudiu o seu descobrimento e o nome do celebre doutor foi inscripto entre os benemeritos da humanidade. Este opusculo tende a combater essa opinião e a provar que a vaccina não só não preserva o homem de ser invadido pela variola, mas antes lhe communica outras molestias, que elle poderia deixar de soffrer. O auctor soccorre-se a opiniões de muitos facultativos, a grande numero de dados estatísticos e convem que os nossos homens de sciencia tomando na mão esta grave questão, nos digam e esclareçam o que devemos crer como verdadeiro e provado no assumpto.

PENA E LAPIS. É o titulo de uma revista illustrada de que estão publicados 2 fasciculos. É collaborada por escriptores e artistas do futuro, aos quaes animam bons desejos, sempre para lou-

ENIGMA



Alfredo Xavier Coelho.

Explicação do enigma do numero antecedente:

Na terra dos cegos o torto é o rei.

bairro do sr. Antonio Dourado ha muitos annos, foi estabelecer-se-lhe mesmo ao pé da porta com uma loja de capella.

De sorte que o merceiro não tinha licença de entrar ou sair da sua tenda, sem que desse de cara com aquelle painel das almas.

Emfim, para se consolar e de alguma sorte os confundir, punha a sua commenda ao espelho, e mesmo de tamancos vinha á loja mostrar-a, dizendo todo ufano:

— Foi aqui que a ganhei.

Só lhe faltava mandal-a pintar na taboleta. Era muito capaz d'isso...

O conego quando o via apressava mais o passo, punha-se a andar mais depressa, e assoprava, assoprava muito.

Como dissera a Joanna, nunca mais lhe passou aquella espinha do testamento, nunca mais.

Os dois ficaram sendo sempre como o cão com o gato.

Nem o padre passava pela loja de Antonio Dourado, que elle não viesse logo á porta jogar-lhe a sua pia-dinha.

E a mulher de Antonio Dourado? Que fazia ella?

Fazia meia como uma desesperada, e não cessava de afirmar a verdade do proverbio: quem espera por sapatos de defuncto anda toda a vida descalço.

Ao que o marido voltava:

— Peta, calçado tenho eu, Deus louvado, mas é verdade que não é para correr atrás de foguetes, senão cá para tratar da minha vida.

LEITE BASTOS.

var na mocidade que se arregimenta n'esta grande cruzada da imprensa.

O MARQUEZ DE POMBAL, *breve estudo das suas medidas economicas por D. Agostinho de Sousa, do Instituto de Coimbra. Porto 1882, typ. de Gonçalves e Moraes Sarmento, 61, rua dos Ingleses 8.º de 36 paginas.* Este opusculo que se apresenta como tributo — *No centenario de Pombal*, não é como muitas outras publicações congêneres, uma simples declamação secca ou palavrosa que só serve para encher papel e logar; este opusculo encerra apreciações justas e sensatas, e apesar de muito conciso, apresenta conclusões evidentes contra muitos erros vulgares a respeito da administração economica do Marquez de Pombal, demonstrando quaes eram as suas verdadeiras idéas sobre economia social, e a maneira como entendia mover a riqueza e civilização do paiz. Merece ler-se.

REVISTA SCIENTIFICA, *redacção Ricardo Jorge, Miguel Arthur e Candido de Pinho... Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 12, Largo dos Loyos: Publicaram-se os n.ºs 5 e 6 d'esta interessante revista. O n.º 5 é todo dedicado a estudar varios pontos das reformas do marquez de Pombal com uma certa altura e largueza de vistas. O sr. Oliveira Martins estuda a lei 6 de novembro de 1772 que organisou o ensino elementar e secundário, complemento necessario da expulsão dos jesuitas, que eram até pouco antes os preceptores geraes. O sr. Ricardo Jorge escreve sobre a introdução da philosophia scientifica em Portugal — Luiz Verney e a reforma pombalina, apreciando o alcance dos trabalhos do celebre escriptor, o primeiro que despendeu golpes certos sobre os defeitos do ensino em Portugal, cujos trabalhos pouca gente lê e analisa hoje, e muito menos ainda sabe a grande questão litteraria que elles levantaram no seu tempo. O sr. Maximiano de Lemos trata da Reforma Pombalina e os estudos medicos — Verney, Ribeiro Sanches e Pombal; tambem é raro quem hoje leia e conheça os trabalhos do celebre medico Ribeiro Sanches, o amigo de Filinto Elyseo e do padre Theodoro d'Almeida, que foi buscar na corte da Russia a consideração que lhe faltava no paiz. O sr. Miguel Arthur escreve o ensino pratico na reforma de Pombal e o sr. Dr. Agostinho de Sousa, O Marquez de Pombal e as suas medidas economicas que é a reprodução do opusculo que acima mencionamos.*

O n.º 6 contem: *a mechanica chimica fundada sobre a ther-*



MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL MANDADA CUNHAR PELA COMISSÃO ACADEMICA DE LISBOA

mochimica pelo sr. A. J. Ferreira da Silva — A experimentação em physiologia pelo sr. Maga-

lhães e Lemos; *Os celtas na Lusitania*, estudo continuado pelo notavel archeologo o sr. Martins Sarmento; *O jornalismo (periodismo) medico em Portugal*, pelo sr. Maximiano Lemos; *o bimetalismo*, estudo economico muito interessante e profundo do illustre professor o sr. Rodrigues de Freitas, relativo á grande questão que tem agitado os diversos Estados e tem já sido debatida em varios congressos, a conveniencia ou desconveniencia das duas especies de moeda de prata e ouro. N'este trabalho são analysadas e commentadas as asserções e opiniões de muitos homens notaveis emitidas em varios trabalhos; termina o fasciculo com um pequeno artigo do sr. Ricardo Jorge — *Os grandes homens e suas commemorações civicas*, onde se considera esta nova phase da sociedade moderna.

MISSÃO ESPECIAL A ROMA EM 1873 — *Londres: typographia de Abraham Kingdon & C.º, 2 e 3 White Street, Moorgate, e. c. 1881, — opusculo de vii — 165 paginas.*

Toda a gente se recorda da questão ou conflicto religioso levantado em 1873 no Brasil pelo bispo de Pernambuco, por ter julgado por sentença, interdicta uma irmandade que se recusára a expulsar um de seus irmãos, reconhecido por maçom. Recorrendo a irmandade para a corôa, foi dado provimento no recurso; o bispo desobedeceu, outros bispos adheriram ao seu modo de julgar, aquelle teve de ser preso e seguiram-se uma infinidade de peripecias, que toda a gente conheceu por essa occasião, e que seria longo referir agora. Tendo as coisas chegado a este estado, havendo uma agitação no paiz, e tendo a curia romana, por mal informada, expedido alguns *Breves* que animavam e excitavam os bispos á sua resistencia, foi necessario enviar um embaixador especial a Roma, tratar tão melindroso assumpto. Esse diplomata foi o sr. barão do Penedo, que se houve em tão grave questão com muita cordura e habilidade, conseguindo desfazer o effeito das apreciações até ahí erradas, e conseguindo uma composição sensata e razoavel. O trabalho d'essa missão acha-se compendiado n'este opusculo, colligidos ahí os documentos principaes d'ella, alguns dos quaes já haviam sido publicados. E opusculo que merece attenção.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, Lallemand Frères, Typ. Lisboa

6, Rua do Thezouro Velho, 6



PELOURINHO DE TRANCOSO

(Segundo um desenho communicado pelo sr. Abel Accacio)

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO JOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

EXPEDIENTE

DO

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1883

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1883.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882, até ao dia 15 de julho do corrente anno.